

## A VIDA COTIDIANA DA MULHER: UM RETRATO SOBRE A AVÓ PELO OLHAR DA CRIANÇA

**Clara Ribeiro Silva**

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG.

E-mail: [clara.silva@sou.unifal-mg.edu.br](mailto:clara.silva@sou.unifal-mg.edu.br)

### Prólogo

O presente opúsculo tem como objetivo apresentar uma percepção sobre a reprodução da vida cotidiana de uma mulher, a partir do olhar atento e do sentimento pulsante da criança sobre a rotina familiar em uma casa no bairro da Cidade Dutra (Interlagos, Zona Sul de São Paulo) num dia de domingo, durante a década de 2000. Para além da importância dos sujeitos participantes desse cotidiano, são os papéis e a construção social da reprodução da mulher avó, dos cuidados com filhos e netos. É demonstrado um cotidiano aos domingos, quando netos passam a noite na casa dos avós e essa reprodução no ambiente familiar apresenta de forma predominante as manifestações de laços afetivos, os interesses e bem estar dos netos, a dinâmica familiar dos cuidados e revolta da mulher, e a ignorância e papel provedor financeiro do homem. Além do privado, o cotidiano se relaciona com o mundo global, inserido no contexto cotidiano familiar através da televisão e do consumo dirigido, mas que também, apresenta fissuras, o irredutível, o caráter humano e singular. O seguinte cotidiano analisado tem como aporte as proposições de Henri Lefebvre<sup>1</sup> e Amélia Damiani<sup>2</sup> sobre as questões da sociedade de consumo dirigido, as relações da produção e reprodução da vida cotidiana.

### O cuidado afetivo que ultrapassa o observável da reprodução social

*No dormir e no levantar está ela. Em prontidão! “É leite que você quer? Mas já escovou os dentes... Quer colocar no canal do desenho? Arnaldo, como muda essa TV? Você quer mais uma coberta? Tá com medo de dormir sozinha? A gente tem que ter medo é dos vivos...! Maria! Apaga a luz e desliga essa TV. É hora de todo mundo dormir!”. Crianças presentes na sala, colchões espalhados no chão. Ela vai até o quarto e apanha mais um lençol guardado. Na TV está passando a mais um programa “Praça é Nossa”*

<sup>1</sup> LEFEBVRE, H. A sociedade burocrática do consumo dirigido. In: LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana do mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 77-119.

<sup>2</sup> DAMIANI, A. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (Org). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

*do SBT. Depois começa o “Programa do Ratinho”. Ela tem medo de sua neta ter uma crise de asma, mas confia em algo maior, talvez a sua fé ou sabedoria de avó. Mais uma fronha para cobrir a almofada da sala, transformada agora em um travesseiro. Os netos estão ocupando sua casa, seu coração e preocupação. Dona Maria é a última a trancar o portão, fechar as portas, desligar a TV, apagar as luzes. Também acalma a imaginação dos netos no escuro, “dorme com Deus, até amanhã”. Reza baixinho. Entre o quarto dos avós e a sala ocupada pelos netos, a conversa e risada se iniciam em meio a escuridão, mas logo perde rapidamente o folego, todos dormem cansados. Mais um dia de sábado para domingo. Dona Maria foi a última a se deitar. É a primeira a despertar.*

A primeira questão a ser levantada: a ciência positivista é capaz de entender o cotidiano a partir da metodologia estabelecida? A fala apresentada trata-se de uma vivência, memórias da infância, momentos que se confundem com tantos outros domingos (será que essa cena ocorreu numa quinta ou sábado à noite?) Lefebvre, antes do desenvolvimento da Geografia Crítica, apresenta desde a década de 1940 importantes considerações a respeito da vida cotidiana, enfrentando e defendendo seu conhecimento frente a paradigmas e cientificismo rígidos e “puros”, estes que não são capazes de compreender os problemas em sua totalidade, mas sim, fragmentam e especializam estudos e soluções (estas que não serão alcançadas, a não ser pelo campo da possibilidade, da revolução).

Nesse sentido, a compreensão plena, do cotidiano, por uma criança, não é devidamente alcançada em comparação a uma fase adulta em termos de desenvolvimento cognitivo e compreensões sobre o mundo. Mas desde muito cedo, a criança, meninos e meninas, estão inseridos no cotidiano, e absorvem e compreendem socialmente suas responsabilidades, o medo, a misoginia, a censura, o cuidado, a coragem, o afeto, comportamentos sociais segundo as determinações da heteronormatividade. Além disso, como chegar a uma concepção do real? Questiona Lefebvre sobre o cotidiano.

De imediato, a questão a ser levantada é o papel da mulher na cotidianidade. De acordo com Lefebvre (1991) pesa-se sobre as mulheres o fardo da cotidianidade, cuja a própria condição das mulheres no seu cotidiano do cuidado, da reprodução, do que a ela pertence ou não pertence, as mulheres obtêm e tornam-se álibi. São sujeitas e vítimas. Nesse sentido, a própria condição e sujeição, aparentemente sem rumo e organização das mulheres (não há sindicatos, categoria, classe, associação), a reprodução social é condição humana necessária, não substituída por ela, a não ser, por outra mulher. É o movimento contraditório, o álibi, mesmo diante das queixas, das reclamações, não há quem faça como/melhor a não ser uma outra mulher. A transformação pode apenas ser possibilitada no campo da

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

organização social coletiva entre os sexos. Além da casa, da organização, existe o sentimento de cuidado, de afeto, do querer bem, mais do que a si mesmo, o se dar, sem receber o mesmo cuidado em troca. Isso está para além das organizações coletivas de forma materialista e racional. É o âmbito afetivo a ser alcançado. Ou ser repensado socialmente.

Outra questão a ser analisada, a qual revela importante cotidianidade familiar de Dona Maria e sua família, é a televisão, sobretudo um dos canais mais assistidos: o SBT. De acordo com a reportagem de Maurício Stycer<sup>3</sup>, sobre as emissoras abertas, do Site UOL, no ano de 2019, além da grande popularização das classes de baixa renda, o SBT apresentou menor audiência entre as classes A e B, e maior audiência entre as C2 e D, comparadas às emissoras Globo e Record, e de maior concentração do público infantil. O SBT é considerado a “emissora da família”. Ambas emissoras apresentam um percentual de 60% da audiência feminina. No que se refere ao cotidiano memorizado entre os anos de 2000, a presença da programação noturna com os quadros humorísticos da “Praça é Nossa”, muitas vezes, representava estereótipos do caipira, das mulheres jovens, com roupas curtas e “ingênuas, tolas”, dos homens representados pelos papéis de “espertos, abusivos e inconvenientes com as mulheres”. Da mulher feia, idosa e brava, do marido preguiçoso. Sendo enquadrado no subsistema da cultura, de acordo com Lefebvre (1991, p. 118), pode ser considerado como artigo de consumo, assim, o humor, a novela, “[...] assume ares de festa, o que lhe confere uma unidade fictícia, no entanto, socialmente real [...]”.

### **Num domingo: a louça sem fim, o consumo da TV e do cigarro Derby Azul Suave**

*Abre a porta do quarto. Ela passa em silêncio pela sala. Os netos abrem os olhos, alguns se mexem, mas voltam a dormir. Ela está na cozinha, sozinha, começando tudo outra vez. Esquentando a água pro café, junta os copos, pratos e talheres na mesa da noite anterior. Leva da mesa para a pia, ascende um cigarro e lava a louça, cantando, metade dos seus lábios finos, no canto esquerdo da boca, segura um Derby Azul Suave, já o lado direito é feito para cantar, falar e resmungar seu marido: “Arnaldo! Ó Arnaldo...”. A neta mais velha vai até a padaria, localizada no final da rua, com a autorização da avó. As cinzas caem assim mesmo na pia. As vezes aos poucos, as vezes quase inteiras. Vai da pia da cozinha para o tanque de pedra, um pouco mais alto que sua cintura. As costas deveriam doer. Esfrega, põem de molho, mais um cigarro, mais uma música enquanto lava no tanque. Os netos ficam ao redor, do seu lado, observam cada*

---

<sup>3</sup>Reportagem da UOL: “Público do SBT é o mais “família”; o da Globo e da Record têm mais recursos”. Publicada em 04/02/2019.

Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2019/02/04/publico-do-sbt-e-o-mais-familia-o-da-globo-e-da-record-tem-mais-recursos/>. Acesso em jan. 2021.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 38-45, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

*movimento, cada cinza caída. De volta para cozinha, organiza, torce, separa, senta, toma um café, descarta, pega o telefone e discar para suas filhas, e de olho na TV diz: “Vai aparecer... pega aquela caneta ali em cima! Anota os números da Tele Sena, pra mim!”. Vai para a cozinha, brinca com os netos, canta mais música enquanto organiza a cozinha, xinga seu velho marido “Ah, Arnaldo! Não enche o saco! Deixa a menina em paz! Tá louco...”, retorna para a tábua, as cebolas, as couves, o bater no bife de segunda, o angu mexendo na panela, é hora do almoço. O momento de correia na cozinha, juntar e procurar os garfos e pratos. Tarefa essa feita por ela e pelas netas meninas. O organizar a mesa. Os homens e meninos se sentam. A reprodução continua dentre as gerações. Algumas risadas e conversa rapidamente silenciada pela frase dura do avó: “Xiu! Agora silêncio! Agora num é hora de ficar conversando. A hora de comer é sagrada”. Eles se levantam. Meu avó coloca um pedaço de jiló cru na gaiola dos pássaros, troca a água, depois pega o terço e benze os netos contra dores de afta na boca e agitação. Elas, entre as brincadeiras, observação dos adultos, organizam a cozinha como pode, como se aprende ali, como a avó ensina. “Deixa isso, vai brincar...” e elas brincam de cozinha, de cuidar, de reproduzir.*

Toda vez que passava os números da Tele Sena na televisão, durante o comercial, anotava para minha avó. Ela tinha uma coleção de Tele Senas de todos os meses (Mês de Páscoa, Primavera, 7 de Setembro, Natal). Ela guardava em uma maleta de baixo do sofá. Dizia que não precisava comprar uma nova, mas sim, trocava por algumas moedas as edições passadas por novas. Foram tantas, quase incontáveis na época para mim. Nenhuma “raspadinha premiada”, que anunciava eletrodomésticos, barras de ouro, 5 mil reais. Nenhum número acertado concorrendo 100 mil reais. De acordo com Lefebvre (1991, p.95), o imaginário social na modernidade vinculado pelas revistas, televisões, anúncios publicitários (estes se distinguem pela forma que organizam a mensagem) anunciam, “a partir de códigos de que ritualizam e tornam prática essas mensagens, programando o cotidiano”. A retórica publicitária ganha espaço, presença maior que a literatura.

Para além das contradições presentes nos jogos, e na imagem sedutora da *Tele Sena*, e do apresentador Silvio Santos, como fonte e manutenção do seu patrimônio, há um consumo para além das propagandas televisivas, iniciadas antes do surgimento da televisão. O consumo do cigarro. Sabe-se que o vício da nicotina torna-se biológico no contato da substância com o organismo. Mas para além do vício biológico, há o consumo psicológico, na busca inconsciente da satisfação, do prazer. Satisfação momentânea, difícil de ser alcançada por completo. O prazer em fumar. Lefebvre, sobre o consumo, apresenta considerações sobre o mal estar, a insatisfação presente na sociedade. De acordo com o autor, não há uma divisão, separação, do aspecto do consumo do material e o consumo dos

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

signos, imagens, representações, “o ato do consumir, é o ato imaginário (portanto, fictício) tanto quanto o ato real (dividido em pressões e apropriações)” (LEFEBVRE, 1991, p. 100).

Em meio ao consumo dos cigarros, das cantorias, das brincadeiras, a reprodução social, Damiani (1999), sobre a ampliação da reprodução das relações sociais, afirma que essa alcança momentos fora da fábrica, da vida social; e também, inversamente, a lógica da fábrica, a divisão técnica do trabalho, alcança a vida social, cotidiana, seguindo um modelo de fábrica. Ou seja, o cotidiano atinge momentos além do tempo do trabalho, e estes não devem ser considerados ingênuos. Nesse sentido, a reprodução de Dona Maria na organização do almoço, das roupas, dos telefonemas, dos objetos e utensílios do lar, do “dar conta de tudo”, segue uma pulsação e organização fabril, da repetição, do tempo-espço, em meio a tudo isso, o afeto familiar.

### **A volta das filhas, dos maridos: domingo à noite, vai com Deus.**

*O domingo à tarde tem sua segunda etapa. A louça que nunca tem fim. Ela pede baixinho pra neta: compra um Derby Azul, Suave. O troco é seu”. Mais louça, mais panos de chão. Uma casa velha, escura, cheio de objetos retirados do lixo “algum dia isso pode ser útil”. A simplicidade e amorosidade só não eram maior que sua prontidão e força para a reprodução da vida dos seus: marido, filhos, netos, AACD, vizinhos. E só lá, em último lugar, ela mesma. A TV ligada no SBT, durante a semana reproduzia os programas de auditórios, o “Show do Milhão” as novelas mexicanas, os galãs, suspiros, “olha essa novela, você assiste na tua casa?”. As netas com pente, maquiagem e um velho esmalte pintam, paparicam, cuidam de sua avó. Depois ela coloca as mãos para cima, na cabeça, apoiando seu corpo cansado, agora repousado no sofá. O pensamento vai longe, seus olhos penetravam o impenetrável, a alma, o infinito. Para onde ela olhava? Me perguntava. As filhas chegaram. É preciso mais café. Vai ter bolo de cenoura. Uma filha organiza os ingredientes, descasca as cenouras “Come essa cenoura, florzinha! Faz bem para a vista”, a outra seca a louça e unta a forma. Os homens estão no bilhar posicionado na garagem. Acompanham a partida com cachaça e petiscos de azeitona e a carne fria do almoço. É um lugar dos homens. E o lugar das mulheres na cozinha. As crianças caminham entre os dois espaços. A neta observa, vivencia os dois. Gosta de estar com os homens, gosta de estar com as mulheres. Eles falam do valor do terreno, na troca da casa pelo carro, de uma praia bonita em Cananéia, da pesca. O avô tira do bolso um trocado para os netos comprar um sorvete e chocolate na padaria. Elas falam das vizinhas adoecidas, das mulheres traídas, das netas que estão estudando ou namorando, “E fulana, como vai? Ficou sabendo? Separou do marido”. Existem momentos em que as conversas se misturam, mas o tom muda com a chegada do avô na cozinha. Como diz aquela expressão: dance conforme a música. Seguimos dançando a música do avô. Seu tom de autoridade, presente*

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 38-45, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.  
ISSN: 2176-5774*

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

*no corpo, expressão, na sua fala, ideias. Não há posições contrárias dos netos contra ele. A obediência, misturada com respeito, prevalece. O Domingo vira noite. E ele acaba não porque apenas o céu se escurece. Há um movimento mais preciso. Enquanto os homens jogam bilhar, as mulheres começam a organizar novamente. Colocam bolos nos potes, “pega sua sandália”, “cadê aquela sua blusa? Já tá frio, viu?!”. Junta-se mais louças, recolhe as roupas, as malas dos filhos. E os homens na sinuca. Acode o conflito dos filhos, choradeira intensificada pelo cansaço... Amanhã é segunda, e tem escola. Como ficava o coração da Dona Maria nesse momento? Aliviada pelo caos ir embora? Ou um coração apertado? Era silêncio, um olhar choroso ao entrarmos no carro. “Mãe! Não é pra ficar dando dinheiro pra elas!”. Ela pegava na minha mão e me entregava uma nota de cinco reais. Era um segredo só nosso. Vai com Deus.*

Um elemento importante sobre a reprodução de Dona Maria era sua presença nas atividades da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) não era realizada aos domingos, mas se fazia presente em seu cotidiano. Ela frequentava os bazares organizado pela entidade, onde o durante a semana contribuía voluntariamente e comprava brinquedos, roupas e demais objetos. Dessa forma, fazia-se presente em sua cotidianidade, e de sua família. As ações da AACD são sempre transmitidas pela emissora SBT, organizando anualmente um *show* beneficente durante o programa para arrecadação financeira, durante um dia inteiro. Além disso, durante os intervalos, propagandas sobre o trabalho é anunciado, pedindo doação pelo telefone e voluntarismo na associação.

A partir de Lefebvre (1991), considerando as estruturas (estruturantes e estruturadoras), do funcionalismo e da racionalização das instituições na sociedade burocrática na modernidade, é possível traçar alguns questionamentos sobre as práticas e funcionamento de instituições como a AACD em diferentes aspectos, considerando avanços e contradições: a conquista da técnica (seguridade social histórica); o mal estar enquanto fato social e cultural; e o papel da classe média pela generalização dos bens de consumo.

A primeira contradição a ser analisada são os avanços da tecnologia, da ciência, da organização do Estado, das instituições em mecanismos modernos, racionalizados e burocráticos. De forma contraditória, a demanda social à criança com deficiência deve ser de responsabilidade do Estado, do SUS. Por outro lado, considera o desenvolvimento e trabalho realizados por essas associações, que apresentam convênios e projetos com o funcionalismo público, mas que de fato, vivem e sobrevivem das caridades e serviços voluntários entre organizações sociais, religiosas e dos indivíduos. Essas grandes associações, organizadas pela classe média, as quais, segundo Lefebvre (1991), são responsáveis pela generalização dos bens de consumo, mas que buscam se diferenciar da classe operária, pode aqui também considerar,



para além do consumo, o seu papel social em projetos, nas crenças de auxílios sociais sem grande comprometimento e mudança estrutural dos problemas presentes na sociedade.

Por fim, diante dos fatores que se complementam e tentam traduzir a cotidianidade apresentada, existem dois elementos que afetam o cotidiano, o lugar e o consumo: a diferença geracional e também a de classe. Trata-se de um casal de idosos, cujo consumo entre lojas, vislumbrar casas e objetos publicitários e o poder de compra é reduzido. Contudo, uma característica marcada pelo cotidiano era o “pegar” objetos nas ruas. Sofás, pisos, canos, potes, revistas, estantes, tapetes, bolsas, sapatos, molduras, cadernos, etc. A casa possuía infinitos objetos. Não se considera a compra nesse caso (ele existe no cotidiano familiar, como a ida nos supermercados, o desejo por alimentos anunciados na TV, produtos de limpeza, estimulados e manipulados pela mídia). Lefebvre (1991) considera que o consumo dirigido notado é a satisfação de acumulação dos objetos descartados por outras pessoas, e que, em algum dia, poderá ter algum uso. Mas há uma crise de valores na sociedade, o sentimento de vazio a ser preenchido. Assim, não é apenas o objeto a ser vendido, mas a satisfação atribuída a ele de forma manipulada. Entender as motivações, para além das representatividades, considerando como a sociedade, durante a mudança social e organizativa, apresentada por Damiani (1999), a partir da segunda metade do século XX, quando as estruturas sociais produtivas e de consumo são organizadas pelas indústrias mundiais, relacionando ao papel do lugar, em relação e de forma contraditória com o mundo, é a forte ligação e identificação com o lugar.

## **Epílogo**

O presente trabalho buscou elucidar as percepções cotidianas marcadas pelo tempo (aos domingos), num espaço delimitado (a casa dos avós), onde a reprodução social é parte e é o cotidiano de uma família na periferia metropolitana de São Paulo. O cuidado com a família, a entrega e confiança dos filhos aos avós, a responsabilidade social e afetiva, que são capazes e determinantes na construção e formação social humana, na continuidade reprodutiva, onde, segundo Lefebvre (1991), os jovens aspiram adentrar ao cotidiano, e o reconhecem apenas através da família, como possibilidade longínqua, em preto e branco. Buscou-se evidenciar o papel da mulher enquanto álibi na cotidianidade, que se queixa, mas se justifica, sem muitas saídas e possibilidades evidentes e pragmáticas, na ordem do dia (a luta das mulheres, em sua totalidade, segue em curso, pra frente). Outro aspecto importante é o papel da televisão, ligada quase sempre num único canal, o quanto ela é responsável no

Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

cotidiano e núcleo familiar, nas escolhas pessoais, no consumo, no entretenimento banal, na cultura de massa. A pergunta a ser feita é sobre quantas Donas Marias podem ser representadas na cotidianidade brasileira, ou mundial? Quantos filhos e netos, seguem, reproduzem ou tomam diferentes rumos em relação à vida dos adultos?